

Moderador

António José Teixeira (1961)

Licenciado em Comunicação Social pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Director da SIC Notícias

E subdirector de Informação da SIC (desde 2008).

Autor do programa da SIC Notícias «A Regra do Jogo» com António Barreto e José Miguel Júdice (2008).

Director da Licenciatura em Comunicação e Jornalismo da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (2007-08).

Comentador político da TSF (1994-2008).

Comentador político da SIC (desde 2001).

Docente do módulo de Jornalismo Político no Mestrado em Jornalismo do Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2007).

Director do Diário de Notícias (2005-07).

Subdirector do *Jornal de Notícias* (2003-05).

Autor do programa Sociedade Aberta, na SIC Notícias (2003-05).

Subdirector da TSF (2000-03).

Colaborador do *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por António Barreto e Maria Filomena Mónica (1999).

Assistente convidado do Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1995-2001).

Redactor, editor de Política e editor executivo do *Diário de Notícias* (1991-2000).

Coordenador da última página e da secção Política do *Diário de Lisboa* (1989-90).

Assessor do secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros (1988-89).

Secretário do Conselho Directivo do Instituto do Trabalho Portuário (1983-88).

Professor destacado na Direcção Escolar de Lisboa (1982-83).



INTRODUÇÃO

Felicito, antes de mais, a Fundação Gulbenkian por mais este investimento na leitura, numa leitura competente. O prazer da leitura é também uma ferramenta fundamental para interpretar o mundo. Felicito o projecto *Casa da Leitura* que o Serviço de Educação e Bolsas está a espalhar mundo fora. Felicito também a Fundação pela realização deste congresso e agradeço a oportunidade para partilhar esta leitura, para o privilégio de ouvir três «homens de palavra», como diria o saudoso Ruy Belo, que muito aprecio.

Quando João Paulo Cotrim e Manuel Carmelo Rosa me convidaram para este congresso veio-me à memória um pequeno livro de Roland Barthes, *O Prazer do Texto*, prefaciado por Eduardo Prado Coelho, poucos dias depois da Revolução do 25 de Abril, uma revolução também, convém dizê-lo, da palavra. Nesse livro, Barthes distinguiu o «texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia, aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura»; do texto de fruição: «aquele, que coloca em situação de perda, aquele que desconforta (talvez até chegar a um certo aborrecimento), que faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, as bases do leitor, a consistência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, aquele que faz entrar em crise a sua relação com a linguagem». Prazer e fruição cruzam-se, alternam, na vida de cada um de nós, são parte da mesma aventura que nos faz ganhar mundo. Barthes deixa nesse livro uma curiosa proposta: a criação da «sociedade dos amigos do texto». Os seus membros não teriam nada em comum, pois não existe forçosamente acordo sobre os textos do prazer, a não ser os seus inimigos, os maçadores de todas as espécies... E para não ser maçador, passo à apresentação dos ilustres membros deste painel. Estou entre dois filósofos e um engenheiro, três homens de palavra.

Começo por Fernando Savater, a quem dou a boas-vindas. Fernando Savater nasceu em San Sebastian. É conhecido de todos. Licenciado em Filosofia pela Universidade Complutense de Madrid, foi catedrático de Ética durante doze anos na Universidade do País Basco e, a seguir, exerceu durante quinze anos como catedrático de Filosofia da Complutense de Madrid. Escreveu muitos livros – meia centena –, colabora na imprensa, co-dirige uma revista importante em Espanha, *Claves de Razón Práctica*, e tem muitos dos seus livros de ensaio e ficção traduzidos em Portugal. Considera-se um opositor de todos os nacionalismos, defende a vantagem de os superar em benefício de um ideal de humanidade universal. Reivindicou o prazer como alternativa emancipadora frente a uma modernidade asfixiada pela razão. Veremos o que é que isso poderá querer dizer na sua intervenção...

Eduardo Marçal Grilo não necessita de apresentações, está em casa. Ainda assim, refiro que é doutorado em Engenharia Mecânica pelo Instituto Superior Técnico, foi consultor do Banco Mundial na área da Educação, presidente do Conselho Nacional de Educação e ministro da Educação entre 1995-1999. É administrador da Fundação Gulbenkian. Teve um papel muito importante no Programa das Bibliotecas Escolares, no apoio às bibliotecas, nos incentivos à leitura e à formação de responsáveis por bibliotecas. Relevo também para o seu empenho nos prémios de literatura com que a Fundação estimula a escrita. Sempre um estímulo à procura de mais livros, de mais leitura.

José Barata Moura, reitor da Universidade de Lisboa entre 1998 e 2006, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 1986, professor catedrático de filosofia e presidente do conselho directivo da Faculdade de Letras em 1981-1982, foi também político, deputado no Parlamento Europeu, tem inúmeras obras publicadas, nomeadamente, sobre filosofia, de Kant a Aristóteles, Platão, Marx. É também conhecido – essa foi a primeira marca que recebi dele – por aquilo que fez em relação às palavras dedicadas às crianças, seja na música, seja também na literatura infantil. Basta recordar *O Coelho Barafunda* e *Capitão Tão Balão*.

Vou começar por si, José Barata Moura, num clima em que se pressupõe que o painel funcione de forma mais informal e em que possamos, com algum ritmo, trocar ideias, fazer algumas provocações, responder a perguntas, colocar perguntas.

(intervenções de José Barata Moura; Eduardo Marçal Grilo e Fernando Savater)

António José Teixeira

Estamos a falar muito do prazer da leitura e julgo que, de alguma forma, estes três homens que aqui estão comigo, são um pouco *dealers* da leitura. Portanto, essa promoção da leitura, julgo que fala por si, não precisa ser sublinhada. Já aqui falámos (o prof. Marçal Grilo falou disso), que é preciso ler por interesse, por necessidade, por prazer e, depois, é preciso promover a leitura. Lembro-me de Fernando Savater ter escrito que, em vez do serviço militar obrigatório, deveria haver o serviço de leitura obrigatório. Isso remete-me para o facto de que ler também é um esforço, como falava José Barata Moura. Não se obriga a ler como aquela coisa um pouco ao contrário que é, quem for apanhado a ler um livro, pena de morte... Provavelmente, não funciona! Que estratégias devemos utilizar? Que podemos fazer, além da palavra, do cativar com o exemplo, do prazer por si próprio? Como é que se promove a leitura, que é o tema deste congresso?

Não resisto, por esse mesmo prazer da leitura, a ler um extracto de um texto de Fernando Savater sobre esse mesmo prazer.

«Ser pelos livros, para os livros, através deles. Perdoar à existência o seu básico transtorno, dado que nela existem livros. Não conceber a rebeldia política ou a perversão erótica sem a sua correspondente bibliografia. Vacilar entre linhas, dar rédea solta aos fantasmas, capítulo após capítulo, empreender grandes viagens para encontrar lugares que já visitámos através das novelas, desdenhar dos recantos sem literatura, desconfiar dos espaços ou das formas de vida que ainda não tenham merecido um poema, sair da angústia lendo, voltar a ela pela mesma porta, não acatar emoções analfabetas, em coisas assim, consiste a perdição da leitura. Quem a experimentou, sabe-o.»